

HELENA NELMA PEDRO PASCOAL

**COMPORTAMENTO E RELAÇÕES
INTERGRUPAIS: A RELAÇÃO ENTRE
CONTACTO E PRECONCEITO NUMA AMOSTRA
DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Orientador: Professor Doutor Mauro Bianchi

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

HELENA NELMA PEDRO PASCOAL

**COMPORTAMENTO E RELAÇÕES
INTERGRUPAIS: A RELAÇÃO ENTRE
CONTACTO E PRECONCEITO NUMA AMOSTRA
DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e das Organizações conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Escola de Psicologia e Ciências da Vida ,no dia 23 de Março de 2018 com o Despacho de Nomeação de Júri nº88/2018 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Ana Loureiro

Arguente: Professor Doutor Rodrigo Brito

Orientador: Professor Doutor Mauro Bianchi

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

Esta dissertação está redigida de acordo com as
normas para a elaboração e apresentação de
teses e dissertações, instituídas na Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias e ao
abrigo do Novo Acordo Ortográfico

Agradecimentos

Ao fim de cinco anos de estudo, chegou finalmente o momento mais culminar do meu trajeto académico, e por este motivo não poderia deixar passar sem antes agradecer as pessoas que ajudaram e acompanharam-me a cada passo desta caminhada.

Agradeço primeiramente a Deus que concedeu o privilégio de concluir esta etapa, e a divina capacitação sem a qual seria impossível atingir os meus objetivos. Chegar até aqui é a mais clara demonstração do Seu amor e da Sua graça sobre mim.

Aos meus pais, João Domingos Pascoal e Rosa José Pedro, por estarem sempre presentes, ainda que distantes. Pelas vezes que puseram as minhas necessidades acima das vossas e por garantirem que nunca me faltasse nada. Aos meus irmãos, em especial a Carla Pascoal, por partilharmos momentos difíceis e superamo-los juntas, por apoiarem-me e fazeres-me acreditar de que era e que sou capaz de chegar mais longe.

Ao meu marido Carlos Barbosa, obrigada pelo amor, pela paciência, pela força e pelas inúmeras vezes que me perguntaste “então já está tudo pronto? Tu vais conseguir!” Obrigada acima de tudo por não me deixares desistir.

Gostaria de agradecer a todos os professores que igualmente fizeram parte desta trajetória, em especial o meu orientador Professor Doutor Mauro Bianchi, obrigada pela dedicação e disponibilidade, pelo excelente acompanhamento, e pela transferência de conhecimento, e a Professora Doutora Ana Loureiro, muito obrigada pelo apoio, pela dedicação e em especial pelas palavras de encorajamento e por sempre me motivar a fazer e ser melhor.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste sonho meu sincero e profundo agradecimento.

Resumo

A pertença aos grupos sociais reflete-se a todos os aspetos da nossa vida cotidiana, das mais básicas às mais complexas formas de relacionamento intergrupar, quer seja na escola, no trabalho, na vida pessoal, todos passamos por este processo. Com a diversificação de grupos nasce também diversificação de normas, crenças e valores e consequentemente atitudes. Dado à realidade portuguesa enquanto sociedade multicultural, torna-se extremamente pertinente perceber quais os fatores que podem intervir nas relações entre os diversos grupos. Neste contexto, o presente trabalho pretende estudar os processos intergrupais, mais especificamente a relação entre o contacto e o preconceito. Foi utilizado um conjunto de escalas para a recolha dos dados de participantes de dois grupos identificados como brancos e negros (N = 100). As escalas visam analisar o preconceito implícito e explícito, as emoções face ao exogrupo, a frequência de contacto e proximidade física mantida tanto com o exo como o endogrupo. E os resultados obtidos corroboram aos existentes na literatura que confirma a preferência pelo contacto com endogrupo e a relação negativa entre o contacto com exogrupo e o preconceito, confirmando que quanto mais contacto existir entre os grupos menor será a tendência a atitudes negativas. Estes resultados são discutido com base na teoria do contacto de Allport.

Palavras – chave: Preconceito, Contacto intergrupar, Proximidade física.

Abstract

Belonging to social groups reflects all aspects of our daily life, from the most basic to the most complex forms of intergroup relationship, whether in school, work or personal life, we all go through this process. With the diversification of groups there is also a diversification of norms, beliefs and values. Given the Portuguese reality as a multicultural society, it becomes extremely pertinent to understand what factors can intervene in the relations between the different groups. In this context, the present work intends to study the intergroup processes specifically, the relations between the intergroup contact and the prejudice. Data from Black and White participants (N = 100) were collected via a questionnaire. The questionnaire included scales to analyze the implicit and explicit prejudice, the emotions against the outgroup, the frequency of contact and physical proximity maintained with both the out and ingroup. In line with the existing literature, the results showed that the groups prefer have contact with the ingroup, and the existence of a negative relation between contact with the outgroup and prejudice, confirming that the more groups interacted less is the tendency to have negative attitudes. These results are discussed based on Allport's contact theory.

Key - words: Prejudice, Intergroup contact, Physical proximity.

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract.....	6
Índice	7
Índice de Quadros	8
Introdução.....	9
CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	12
A natureza do preconceito	13
Perspetiva histórica	14
Redução do preconceito – Teoria do contacto.....	17
Contacto intergrupai	19
Proximidade física	21
CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E HIPÓTESES	23
CAPÍTULO 3: MÉTODO	25
Participantes.....	26
Instrumentos.....	26
Procedimento	27
CAPÍTULO 4: RESULTADOS	29
CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	I
ANEXO	XIV

Índice de Quadros

Quadro 1 - Consistência interna das variáveis do estudo	32
Quadro 2 – Índice de contacto intergrupai	33
Quadro 3 – Índice de proximidade física	33
Quadro 4 - Índice de preconceito implícito e explícito	34
Quadro 5 – Índice de distância social	34

Introdução

Os seres humanos são fundamentalmente sociáveis e orientados psicologicamente à formar vários tipos de relações interpessoais que surgem ao longo da vida (Brito, Walduz, Sekerdej, Schubert, 2011). As relações sociais são de extrema importância, se não mesmo o cerne da psicologia social, isto porque inviabiliza qualquer possibilidade de entendimento quanto ao comportamento individual a menos que seja compreendido a forma como as pessoas se relacionam, uma vez que as relações são as fontes primordiais de influência sobre o comportamento individual (Moreland, 1987).

A psicologia social enquanto ciência intervém nos processos de relações intergrupais, estudando como as perceções, emoções, motivações e ações dos indivíduos influenciam e são influenciados pelas relações com outros indivíduos (Taylor & Moghaddam, 1994). Sherif *et al.* (1961) definiram as relações intergrupais como relações funcionais entre dois ou mais grupos, o que remete ao impacto das ações de um grupo e de seus membros sobre o outro grupo.

Durante décadas, os conceitos da Teoria da Identidade Social (TIS) têm servido como estímulo para a compreensão do comportamento grupal e das relações intergrupais em particular (Tajfel & Turner, 1979, 1986; Turner & Reynolds, 2003).

Segundo Tajfel (1981) a identidade social é o autoconceito pessoal que deriva do reconhecimento da pertença a um determinado grupo ou categoria social atribuindo um significado emocional a essa pertença. Ao identificar-se com um determinado grupo, o indivíduo define-se a si próprio com base nas características do grupo a que pertence (Hogg & Abrams, 1998).

A TIS desenvolveu-se através dos trabalhos de Tajfel (1969, 1978) sobre a perceção, e do seu interesse por temáticas como o preconceito, discriminação, e conflito intergrupal e surgiu inicialmente na tentativa de identificar as condições mínimas que levariam os membros de um determinado grupo a beneficiar o seu próprio grupo, focando-se essencialmente nos comportamentos competitivos e discriminatórios face ao exogrupo. Os seus resultados confirmaram que a simples perceção de pertencer a um grupo por si só é suficiente para desencadear discriminação intergrupal, favorecendo os membros do endogrupo a fim de manter ou reforçar a sua identidade social (Tajfel & Turner, 1986; Turner & Reynolds 2003).

Os indivíduos interiorizam as normas e regras estabelecidas pelo grupo e vinculam-nas às suas atitudes e comportamentos, pelo que pode acontecer independentemente da coesão grupal ou até mesmo da interação direta com os membros do exogrupo (Tajfel, 1982).

De diferentes grupos surgem diferentes valores e crenças, e esta diversificação é marcada por relações conflituosas, podendo estas situações passar de mera ideologia preconceituosa ou estereotipada a situações de conflito.

Dada a pertinência das relações intergrupais e o impacto que estas exercem sobre o comportamento individual, o objetivo deste estudo é refletir sobre a importância do contacto com o exogrupo para a diminuição do preconceito, e como base, utilizou-se a Teoria do Contacto (TC) de Allport (1954).

A questão do contacto entre grupos como forma de redução do preconceito intergrupais começou a ser abordada logo após a Segunda Guerra Mundial por investigadores sociais. No entanto foi a teoria proposta por Allport (1954), que proporcionou maior destaque, e definiu a premissa para as investigações subsequentes nesta área (Dovidio, Gaertner & Kawakami, 2003).

A TC assenta no princípio que o contacto com o exogrupo leva a experiências positivas e a exposição dos indivíduos ao exogrupo provoca uma mudança nas crenças, atitudes e comportamentos em relação ao grupo (Rutland, Cameron, Bennett, & Ferrell, 2005), desta forma, quanto mais contacto mantiver-se com o exogrupo menor será a tendência a atitudes negativas. Esta teoria é uma das mais utilizadas para análise do preconceito e os resultados de vários estudos demonstram a sua eficácia (Binder, Brown, Zagefka, Funke, Kessler, Mummendley, Maquil, Demoulin & Leyens, 2009; Brown, 1995; Pettigrew, Tropp, Wagner, & Christ, 2011).

Tendo em conta a literatura, este estudo insere-se na mesma linha de investigação, na medida que visa confirmar se de facto as pessoas que possuem maior contacto com exogrupo, neste estudo especificamente grupos étnicos, brancos e negros, tendem a utilizar menos ideias preconceituosas face ao exogrupo, através da proximidade física enquanto mediador, e compreender se as pessoas que apresentam efetivamente menores níveis de preconceitos tendem a englobar no seu ciclo de amizade os membros do exogrupo.

A dissertação está dividida em cinco partes, o primeiro capítulo remete-se ao enquadramento teórico, desde as teorias sobre o preconceito propostas por Allport (1954) aos mais recentes estudos sobre o mesmo, de modo a traçar a trajetória que segue todo este trabalho. Veremos ainda ao longo deste capítulo a relação entre o contacto e o preconceito, as várias formas de contacto e como estes atuam como agentes redutores de preconceito.

O segundo capítulo apresentará os objetivos e as hipóteses de estudo, no terceiro capítulo a metodologia de investigação utilizada, seguidamente pelos resultados que serão apresentados no quarto capítulo e por fim a discussão e conclusão integrantes do quinto capítulo frisando algumas reflexões relativamente aos resultados da pesquisa, de modo a apresentar uma visão geral de todo o trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A natureza do preconceito

Desde o século XX, nomeadamente nos anos 1920 e 1930 que o preconceito tem sido o centro de interesse da psicologia social, especificamente nos estudos sobre relações entre membros de grupos diferentes (Clark & Lemay, 2010; Fiske, 2000), que têm procurado a elaboração de teorias de modo a compreender o comportamento e as relações intergrupais, explicando as suas causas e consequências e contribuir para a diminuição deste fenómeno.

Allport (1954), defende que o preconceito étnico é a antipatia baseada numa generalização defeituosa e inflexível, dirigida a um grupo ou a um individuo pelo simples facto de pertencer a este grupo. Na mesma linha de pensamento, Tajfel (1982), definiu o preconceito como um julgamento estabelecido *a priori* sem qualquer recolha ou examinação de informação relevante e portanto, é baseado apenas em evidência inadequada ou mesmo imaginária. Manstead e Hewstone (1995) clarificaram que muito mais do que antipatia, o preconceito é uma atitude negativa e injustificável face à uma pessoa que é baseada apenas na sua pertença a um determinado grupo. Para Wright e Taylor (2003), o preconceito é uma partilha social de juízos ou avaliações de um determinado grupo que inclui a componente cognitiva (crenças sobre o grupo), afetiva e comportamental (Dovidio, Hewstone, Glick & Esses, 2010), e que permite a compreensão que quem “nós” somos e de quem “eles” são.

Embora muitas das definições do preconceito enfatizem a vertente negativa, o preconceito não se limita apenas a este traço, podendo também ser neutro ou até mesmo positivo, No entanto, estes últimos não representam um dos maiores problemas sociais, mas sim a vertente negativa, daí constituir-se um fator cêntrico da maior parte das investigações, (Brown, 1995; Wright & Taylor, 2003).

Segundo Allport (1954) o ser humano tende a deslizar com facilidade para o preconceito devido ao processo cognitivo de categorização e ao sentimento de hostilidade (evitação de contacto, verbalização negativa, podendo chegar até a exterminação do grupo). O processo de categorização ou generalização consiste na formação e no processamento de categorias (Monteiro, 2000), do qual deriva a diferenciação intergrupai e a assimilação intergrupai (Doise, Deschamps & Meyer, 1978; Tajfel & Wilkes, 1963). É neste sentido que Abrams e Hogg (1990) defendem que indivíduos são cooperativos em direção aos endogrupos e tendem a menosprezar os

membros dos exogrupos, sendo este um dos principais fatores que propiciariam o aparecimento de fenômenos sociais tais como o preconceito.

Tajfel (1978) justifica que o viés determinante do preconceito seria a inserção do indivíduo numa categoria social e o seu grau de identificação com ela, no sentido que quanto maior for a identificação com o endogrupo maior será a tendência de diferenciá-lo dos exogrupos. Sherif *et al.*, (1961) no seu estudo clássico de *The robbers cave experiment* propuseram que as relações funcionais entre grupos são cruciais na determinação de atitudes intergrupais. Argumentaram, mais especificamente, que a competição entre grupos produz preconceito e discriminação, enquanto que a interdependência e a cooperação intergrupar leva a resultados positivos, reduzindo o viés intergrupar. É com base nessa perspectiva que Blumer (1958) descreveu o preconceito como uma reação defensiva face ao desafio da sensação de posição grupal, que emerge como um dispositivo de proteção, de modo a preservar a integridade e a posição do endogrupo, delineando as diferenças de estatuto e de papéis nas relações intergrupais.

Perspetiva histórica

Conhecer as perspetivas e os fundamentos históricos sobre o preconceito é igualmente importante para uma visão holística da explicação do conceito, uma vez que as forças históricas e sociais moldaram e influenciaram a orientação das investigações nesta área (Dovidio, 2001).

De acordo com Duckitt (1992, 2010) existem sete estágios que caracterizaram a compreensão do preconceito por parte dos investigadores sociais, cada fase leva a uma nova perspetiva sobre o preconceito e com estas, novas descobertas. Mostrando como as circunstâncias sociais e a interação entre os eventos históricos e evolução do conhecimento tem focado a sua atenção em diferentes aspetos.

A década de 1920 é considerada como a fundação dos estudos sobre preconceito, tendo este, começado a ser visto como um constructo social científico. Até aos anos 20 as diferenças raciais eram vistas como fenómeno problemático concernente as relações intergrupais. A ideia da superioridade entre as raças, especificamente da raça branca sobre a negra, estava vigorosamente estabelecida no século 19, e o preconceito

ou as atitudes raciais não era considerada uma questão científica. As atitudes de superioridade racial ou antipatia face aos negros outros povos coloniais eram amplamente aceites como respostas inevitáveis e naturais à óbvia "inferioridade" destes grupos (Gamst, Liang & Der-Karabetian, 2011). Essas circunstâncias históricas geraram nos cientistas, inicialmente nos campos da medicina e da antropologia, um interesse em delinear e explicar as diferenças raciais e, particularmente, as inferioridades das raças "atrasadas", demonstrando e descrevendo o padrão de deficiência.

Foi durante a década de 1920 que começou-se a mudar a forma como a psicologia definia o "problema racial", através da influência do desenvolvimento histórico. As rápidas mudanças surgiram quando os cientistas sociais deslocaram as suas atenções, credenciando a igualdade racial, surgindo a ideia de que as atitudes raciais negativas eram essencialmente injustificadas e injustas. Isso resultou no aparecimento do conceito de preconceito como uma atitude intergrupar negativa, injustificada, irracional e de alguma forma, defeituosa. Assim, o problema social das relações raciais foi redefinido como um problema de preconceito em vez de um de inferioridade da raça.

Entre 1930 e 1940, surgiu a teoria psicodinâmica que procurou proporcionar uma estrutura apropriada para explicação do preconceito. Nesta perspetiva, o preconceito era visto como resultado do funcionamento de processos psicológicos universais, como mecanismos de defesa. Esses processos operavam de forma inconsciente, canalizando tensões, sentimento de ameaças, e frustrações em preconceito contra os exogrupos. A universalidade desses processos explicava a irracionalidade do preconceito através da sua função defensiva inconsciente. Esse paradigma associava-se, portanto, a imagem do preconceito como expressão de defesas psicológicas inconscientes derivado de conflitos internos e que reproduziam as atitudes hostis face aos exogrupos e os grupos minoritários. Embora esta pesquisa não tenha produzido resultados evidentes, a abordagem não foi de todo rejeitada, sendo favoravelmente observado em revisões da literatura décadas mais tarde.

Nos finais de 1940, depois da Segunda Guerra Mundial, surgiu um novo paradigma para explicação do preconceito onde a ênfase não mais estava nos processos inconscientes, mas sim na estrutura. O paradigma da personalidade preconceituosa considerava o preconceito como o resultado de determinadas estruturas de

personalidade que condicionavam a adoção de atitudes preconceituosas. O preconceito era portanto, visto como a expressão de uma necessidade interna gerada por estruturas de personalidade patológicas que eram identificadas através de testes de personalidades e de atitudes, e através das tais estruturas eram caracterizados os indivíduos propensos às atitudes preconceituosas (Dovidio, 2001). Foi a teoria da personalidade autoritária de Adorno *et al.* (1950) formulada parcialmente dos conceitos do paradigma psicodinâmico que esclarece este paradigma, defendendo a existência de uma dimensão básica da personalidade que determina o grau em que os indivíduos seriam propensos ao preconceito, e posteriormente emergiriam as atitudes já existentes a nível intra-individual.

Nos finais de 1950, a explicação do preconceito afastou-se dos fatores psicológicos individuais e aproximou-se dos fatores sociais e influências culturais. Surgiu neste paradigma uma suposição, que o preconceito era um processo normal ao invés de anormal.

A nova imagem dominante do preconceito era, portanto, a de uma norma inserida no ambiente social. As pesquisas revelaram que a socialização e o conformismo eram os mecanismos causais que operavam na transmissão destas influências. Desta forma, o preconceito era essencialmente uma questão de conformidade social com as normas tradicionais e padrões institucionalizados de comportamento inter-racial e segregação.

Durante esta segunda fase do período sociocultural, o racismo e o preconceito continuavam enraizados na sociedade americana, apontando as normas e os padrões de preconceito socialmente partilhados como responsáveis por criar e manter conflitos intergrupais, e não como tradições culturais e institucionais justas como se tinha assumido anteriormente. Em resposta às questões levadas, foram propostas condições influenciadoras do preconceito, tais como, divisão do mercado de trabalho, colonialismo, vantagens socioeconómicas, entre outros. Das teorias puramente sociológicas e históricas que surgiram para explicação do preconceito neste período, a imagem dominante do preconceito passou a ser a de uma expressão de interesse intergrupais.

Houve inicialmente uma clara distinção na ótica da investigação, visto que os sociólogos centravam-se na influência grupal (dinâmica social e estrutural, as relações

intergrupais, etc.) e os psicólogos destacam os processos cognitivos como fatores que influenciavam o preconceito, isto entre 1970 e 1980. Apesar das visões divergentes, tanto as abordagens psicológicas como sociológicas convergiram para reconhecer a importância dos grupos e das identidades coletivas nas relações intergrupais. No entanto, durante a década de 1970, vários investigadores constataram que a persistência do preconceito podia não ser totalmente explicável em termos de interesses de grupo e estrutura social, por se ter tornado evidente que os processos psicológicos seriam talvez mais cruciais na explicação do preconceito. Este paradigma defende que além de existir uma estrutura cognitiva responsável pela categorização que é o sistema de orientação que caracteriza a si mesmo e os outros em função da sua posição num determinado grupo social (Hogg, Turner & Nascimento-Schulze, 1986), existe ainda, um fator de igual importância, o fator motivacional, da qual suscita, nomeadamente, a necessidade de avaliar o seu grupo de forma positiva face ao exogrupo.

As mudanças no contexto histórico nas últimas décadas fizeram emergir inúmeras perguntas sobre o preconceito, perguntas essas que o paradigma cognitivo não pôde responder, dando assim origem ao mais recente paradigma. Neste novo paradigma, o preconceito é visto como complexo multifacetado fortemente influenciado pelas diferenças individuais e pelas relações sociais e intergrupais, mais especificamente relações que envolvem ameaças, competição e desigualdade (Duckitt, 2010).

É importante realçar que as perspetivas acima mencionadas são apenas abordagens parciais e nenhuma por si só é suficientemente eficaz para proporcionar uma explicação geral do preconceito (Duckitt 1992). O preconceito é influenciado por fatores individuais, históricos, políticos, económicos, etc., daí a necessidade de articulação entre as perspetivas para uma análise mais integral do preconceito.

Redução do preconceito – Teoria do contacto

O interesse por parte dos investigadores em psicologia social não se tem limitado apenas em conhecer o preconceito, mas também estudar os fatores envolvidos na génese e as formas de diminuí-lo. Há décadas que o contacto intergrupar começou a ser abordado e a teoria de Allport tem sido a mais destacada com inúmeras revisões que fundamentam a eficácia do contacto intergrupar na redução do preconceito (Pettigrew & Tropp, 2006). Segundo Brewer e Gaertner (2001, citado por Rutland, *et al.*, 2005), a

teoria do contacto (TC) é fundamentada no pressuposto que o preconceito é consequência do desconhecido, partindo de que o fator originário do preconceito são os processos de categorizações intergrupais que são socialmente aprendidos e a falta de contacto com o exogrupo promove uma atitude de rejeição face ao desconhecido, e desta atitude surgem as ideias preconceituosas. A TC defende ainda que o contacto com o exogrupo leva a experiências positivas e a exposição dos indivíduos leva a contestação, resultando assim numa mudança nas crenças, atitudes e comportamentos em relação ao grupo (Rutland, *et al.*, 2005).

Existem no entanto, quatro condições chaves e importantes para o efeito positivo em situações de contacto intergrupais: igualdade de estatuto, cooperação intergrupais, objetivos comuns e o apoio institucional (Allport, 1954; Pettigrew, Christ, Wagner, & Stellmacher, 2007; Pettigrew & Tropp, 2006). É essencial que a situação de contacto exibe esses fatores em algum grau (Dovidio *et al.*, 2003).

A primeira condição defende que o contacto é eficaz quando existe uma igualdade de estatuto entre os membros do grupo, isto porque as ideias preconceituosas face a um exogrupo envolvem crenças de que estes possuem uma capacidade inferior para execução de tarefas. Contrariamente, quando a situação de contacto envolve uma relação desigual é mais provável que o preconceito seja reforçado do que enfraquecido (Brown, 1995; Pettigrew, 1998). Se esses grupos se encontrassem em pé de igualdade tornar-se-ia mais difícil sustentar as crenças preconceituosas (Pettigrew *et al.*, 2007).

A cooperação intergrupais é igualmente importante, constituindo-se assim o segundo fator necessário para a redução do preconceito através do contacto. O simples facto de pertencer a um grupo promove a dependência mútua entre os membros (Brown, 1995, Pettigrew, 1998), e o fortalecimento de laços entre as pessoas baseado em crenças mútuas e na necessidade de cooperação (Moreland, 1987). As pesquisas em laboratório têm revelado que a cooperação intergrupais tende a aumentar a simpatia entre os membros do grupo e a diminuir o viés intergrupais, pelo que os investigadores têm apoiado de forma ambígua esta condição realçando a importância de maximizar o esforço de cooperação para que haja uma mudança positiva de atitudes (Brown, 1995).

A redução do preconceito através do contacto requer também um esforço ativo e orientado para o objetivo, no sentido que a cooperação entre os membros para atingir estes objetivos promove uma aproximação entre eles (Brown, 1995; Pettigrew, 1998). E

por fim, o apoio institucional defende que o contacto intergrupar é mais facilmente aceite e tem efeitos mais positivos quando não existem normas que penalizem implícita ou explicitamente os membros do grupo, contrariamente as autoridades devem apoiar e estabelecer normas de aceitação (Brown, 1995; Pettigrew, 1998).

Uma meta análise de 515 estudos de Pettigrew e Tropp (2006), confirma a teoria de Allport e mostra que de facto existe uma relação negativa entre o contacto intergrupar e a redução do preconceito. No entanto, os autores constataam que este acontece quer na presença como na ausência das quatro condições-chave, ou seja, os efeitos do contacto são geralmente positivos, portanto, essas condições parecem ser fatores facilitadores, mas não são de todo essenciais para a obtenção de resultados positivos na redução do preconceito.

Contacto intergrupar

A TC tem sido alvo de inúmeros estudo que permitiram não apenas expandir o conhecimento mas também alargar as ideias iniciais de Allport (1954) e validar a sua aplicabilidade enquanto variável redutora do preconceito.

No tocante a vasta realização de pesquisas sobre contacto intergrupar, o foco empírico das investigações foram especificamente relacionado com a experiência direta e pessoal de contacto intergrupar. Os estudos de Brophy (1946) nos Estados Unidos da América demonstra primeiramente a correlação entre o preconceito, a educação e a região de origem do individuo, no entanto a relação entre o preconceito e o contacto é igualmente evidente, uma vez que quantas mais viagens os marinheiros brancos fizessem com negros, mais positivas se tornavam as suas atitudes. Kephart (1957) confirmou estes resultados quando constatou na sua investigação que agentes policiais brancos que trabalhavam com colegas negros tendiam a aceitar os negros como colegas e até mesmo aceitar as ordens de oficiais negros. Segundo Binder *et al.*, (2009), a maioria das pesquisas tem consentido com a interpretação que o contacto reduz o preconceito, ou seja o que foi originalmente intitulado por Allport (1954) o “efeito contacto”. As pessoas mais preconceituosas procuram manter menos contacto com os membros do exogrupo mantendo-o a um nível superficial ou chegando mesmo a evitá-los efetivamente. Stephan (1987) reconheceu igualmente o vínculo entre contacto intergrupar e preconceito, quando enfatizou o contacto, os grupos e os indivíduos

envolvidos como características que contribuem para aumento ou para inibição dos efeitos do contacto.

Além do contacto intergrupar direto, existe ainda uma outra forma de contacto intergrupar, o indireto, que engloba o contacto estendido e o contacto vicário (Dovidio, Eller, & Hewstone, 2011).

O contacto estendido, proposto inicialmente por Wright *et al.*, (1997) defende o princípio que o simples facto de saber que o membro do seu grupo mantém uma relação próxima e positiva com um membro do exogrupo é suficiente para reduzir o preconceito. Ademais, o contacto estendido produz efeitos positivos sobre as atitudes intergrupais para além da influência do contacto direto.

Baseado nos estudos de Bandura (1986), o contacto vicário integra as ideias do contacto prolongado com princípios gerais da teoria da aprendizagem social. Observar as ações de outra pessoa, particularmente alguém com quem se identifica, pode influenciar a perceção de como se deve realizar e/ou expandir o conhecimento pessoal, pode inibir ou desinibir as inclinações existentes ou ajudar as pessoas a adquirir novos conhecimentos, compreensão e habilidade.

A investigação de Mutz e Goldman (2010), sobre os efeitos dos meios de comunicação no preconceito revelaram que a televisão, a rádio e a internet são fontes primárias de informação para as impressões que os membros do grupo podem ter face ao exogrupo. Os retratos das relações intergrupais na televisão podem influenciar as atitudes de um grande número de telespectadores, muitas vezes até inconscientemente. Schiappa *et al.* (2005) mostraram que a visualização de programas de televisão que retrataram contacto intergrupar positivo foi associada a níveis mais baixos de preconceito. Em contraste, ver expressões de preconceitos, não-verbais suaves e negativas expressas por personagens aumentaram, em consequência, o preconceito dos telespectadores.

Essas abordagens são algumas das muitas abordagens e teorias feitas em torno do contacto intergrupar, e a diversidade entre as descobertas contribuem para o desenvolvimento de intervenções para visam promover o contacto entre os mais diversificados grupos sociais e melhorar as relações entre os grupos (Dovidio, Eller, & Hewstone, 2011).

Proximidade física

Embora haja cada vez mais possibilidades de manter a proximidade intergrupar no mundo contemporâneo, com espaços públicos e acessíveis a todos, permitindo que as pessoas interajam, não implicará necessariamente que o contacto ocorrerá (Priest, Paradies, Ferdinand, Rouhani, & Kelaher, 2014), podendo ocorrer contrariamente, uma segregação.

Podemos constatar que em quase toda parte do mundo é perceptível a coexistência entre os grupos sociais, e esta “coexistência” mascara de alguma forma as divisões sociais (Zuma, 2010) manifestes nas mais diversas situações desde a divisão racial e étnica nas salas de aula (Brown, 1995; Burgess & Wilson, 2005), nos locais de residência (Frankenberg, 2013; Goldsmith, 2010) em espaços de uso comum (Dixon & Durrheim, 2003). Esta divisão ou segregação é a tendência, de aproximar-se ou de afastar-se de uma determinada pessoa devido a sua raça, religião, orientação sexual (Dixon & Durrheim, 2003; Lima & Vala, 2004; Nosek *et al.*, 2007; Pereira *et al.*, 2009).

Segundo Dixon e Durrheim (2004) qualquer mudança pode gerar uma separação entre grupos, mais especificamente grupos raciais. Ela produz invariavelmente uma reorganização do espaço, que visa demarcar, ainda que de forma subtil, as fronteiras entre os grupos. E com base nestes cenários cotidianos que constatamos que as teorias têm girado em torno das atitudes sociais que impulsionam.

A segregação está relacionada com o contacto intergrupar, no sentido que a promoção de contacto intergrupar promove consequentemente a desagregação (Zuma, 2010). No entanto, críticos argumentam que embora a harmonia social seja de facto uma condição benéfica para a desagregação, porém constitui de todo o cerne para compreensão do fenómeno, é importante vincular a este, um nível estrutural de análise desde as políticas estaduais e a ecologia das cidades (Dixon & Durrheim, 2004; Zuma, 2010), para compreensão do fenómeno.

De acordo com Clark (1953) a experiência vivida de desagregação por si só provou ser um determinante importante para tais atitudes, no entanto os padrões e os resultados convergiram, mostrando que as pessoas de diferentes raças tendem a se agrupar em lugares homogêneos em espaço de interação interpessoal (Dixon & Durrheim, 2010).

A resistência à desegregação pode derivar do seu impacto atribuído em certos lugares e a identidades que eles sustentam. A nível pessoal, tal atribuições podem convidar reações defensiva-evitante, quanto mais os indivíduos constroem a presença de outros como uma ameaça mais provável é que o grupo adote uma atitude de prevenção (Dixon & Durrheim, 2003). Por isso defendeu Turner *et al.* (2007) a importância de introduzir esquemas de contacto em áreas de segregação, como por exemplo, intercâmbios escolares, atividades comunitárias, ou qualquer forma de integração que incentive a amizade, desta forma é mais provável gerar empatia e confiança no exogrupo que, por sua vez, deve resultar em relações intergrupais mais positivas e promoverá consequentemente a redução da segregação.

CAPÍTULO 2: OBJETIVOS E HIPÓTESES

Tendo em conta o enquadramento teórico, e reconhecendo a importância do contacto nas relações intergrupais, o presente estudo propõe-se verificar a relação existente entre o contacto entre membros de dois grupos étnicos (brancos e negros) e o preconceito. Pretende-se igualmente perceber se as pessoas que têm maior contacto com o exogrupo tendem a utilizar menos ideias preconceituosas face a este grupo, em particular as pessoas que englobam no seu ciclo de amizade indivíduos do grupo oposto, isto porque, segundo a literatura pode-se verificar a clara importância da proximidade para a redução do preconceito. A distância social entre os grupos promove segregação e tensão intergrupais. Contrariamente, a proximidade física com o exogrupo produz empatia e aumenta a oportunidade de contacto intergrupais.

Partindo deste objetivo pretende-se testar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: espera-se que a amizade enquanto forma de contacto intergrupais reduza o preconceito; isto é, que a relação existente entre o contacto e o preconceito seja significativamente negativa, desta forma, quanto maior for o contacto/amizade com o exogrupo menor será a tendência a ideias/ atitudes preconceituosas;

Hipótese 2: espera-se que a relação entre o contacto e a proximidade física seja positiva, no sentido que quanto maior for o contacto maior será a proximidade física;

Hipótese 3: espera-se ainda que exista uma relação negativa entre a proximidade física e o preconceito, quanto maior a proximidade física entre os grupos menor a tendência ao preconceito.

CAPÍTULO 3: MÉTODO

Participantes

A amostra foi composta por 105 estudantes, 51 brancos e 49 negros. 51 do sexo masculino e 53 do sexo feminino, 83 participantes eram solteiros, 21 casados e 1 divorciado e com idades compreendidas entre 18 aos 51 anos (Média= 25,28; Anexo I).

Embora a maioria dos participantes eram de nacionalidade portuguesa (61), a nossa amostra é também composta por participantes de nacionalidade angolana (25), brasileira (5), e outras (1 Croata, 1 Espanhol, 1 Moçambicano, 1 Alemão, 1 Russo, 2 Cabo-verdianos, 3 Santomenses e 4 Guineenses), sendo que 4 vivem em Portugal há mais de dez anos, 6 vivem em Portugal entre cinco a dez anos, 21 vive entre dois a cinco anos e 15 há apenas um ano, (*ver Anexo I*).

Quanto a classificação dos anos em que os participantes estudam na mesma turma foram agrupadas em cinco categorias: os que estudam há cinco anos ou mais (2); os que estudam há quatro anos (7); há três anos (14); há dois anos (1) e os estudam apenas há um ano (65). Foi igualmente classificada em 5 categorias os anos em que os participantes estudam no mesmo estabelecimento ou universidade, sendo que a maior parte da amostra (53 participantes) estudam há um ano, 18 participantes estudam há dois anos; 14 há três anos; 10 há quatro anos e 10 há cinco anos ou mais, (*ver Anexo I*).

Instrumentos

Foi utilizado como instrumento de recolha de dados um questionário de auto preenchimento composto por seis escalas:

(1) O Teste de Associação Implícita – papel e caneta (*Paper and pencil IAT*) composto por 26 itens, cinco adjetivos positivos (e.g., amor), cinco adjetivos negativos (e.g., veneno), extraídos do estudo de Greenwald, McGhee, & Schwartz (1998), 8 nomes tipicamente associados a pessoas brancas, especificamente portugueses (e.g., Afonso) segundo o artigo da revista de imprensa O Público (2017) e 8 nomes associados a pessoas negras ou estrangeiros (e.g., Kiluanje). Este teste pretende avaliar atitudes implícitas manifestes de forma inconsciente e se tem revelado eficaz para os indivíduos que em negação responderiam de forma desejável (Vargas, Sekaquaptewa, & von Hippel, 2007; *ver Apêndice II*);

(2) A Escala de Preconceito Explícito, composta por sete afirmações adaptadas do estudo de Brown (1995). A escala visa avaliar os níveis de preconceito direto e medido através de atitudes face ao exogrupo, “não me incomodaria se a maioria dos meus colegas fossem negros/brancos” (Apêndice III);

(3) A Escala de Reações Emotivas face ao exogrupo adaptada do estudo de Binder *et al.*, (2009) que mede os níveis de preconceito, é composto por três emoções positiva “admiro-os” “confio neles” “gosto deles” e três emoções negativas “sinto raiva deles” “sinto-me irritado(a) com eles” “aborreço-me com eles” (Apêndice IV);

(4) A Escala de Contacto Intergrupar adaptada do estudo de Brown (1999), visa avaliar a quantidade de contacto com amigos, composta por seis questões relacionadas ao contacto que mantem com o seu grupo e outras seis questões sobre o contacto com o exogrupo “do seu círculo de amizade dentro da universidade, quantos são negros?” (Apêndice V);

(5) A Escala de Distância Social de Bogardus (1925) que propõe avaliar a interação ou relação entre os grupos sociais, composta por sete itens “aceitaria que casasse com alguém da minha família” (Apêndice VI);

(6) Foi construída uma Escala de Proximidade Física adaptada ao objetivo do estudo, com o intuito de medir a frequência de proximidade física com o endogrupo e com o exogrupo. Esta escala foi elaborada pelos investigadores do estudo e composta por seis questões que remetem a frequência da proximidade física com o endogrupo e outras seis questões referentes ao exogrupo “com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa negra/branca na sala de aula?” (Apêndice VII).

Procedimento

A recolha de dados foi feita de forma individual e grupal. Os participantes foram abordados nos diversos espaços da Universidade Lusófona, nas salas de aulas, biblioteca, salas de estudos. Caso o participante se encontrasse num local de extrema distração, eram encaminhados para uma sala reservada especificamente para a recolha de dados devido a uma medida que requer cronometragem e a concentração que a mesma exige.

Foi primeiramente apresentado aos participantes o consentimento informado que explicara o objetivo do estudo, garantindo a sua confidencialidade e anonimato, a voluntariedade da participação, e a informação de que podiam desistir a qualquer momento. Depois de devidamente informados e consentirem a participação no estudo, solicitaremos os participantes a responderem o questionário.

Quanto a análise dos dados, a cotação do Teste de Associação Implícita (IAT) foi feito mediante as associações certas e erradas tanto para a opção congruente (favoritismo endogrupal) e a incongruente (favoritismo exogrupal). Os valores mais altos nas escalas de preconceito explícito e de reações emotivas indicavam maior preconceito ou atitudes negativas face ao exogrupo. Os valores elevados nas escalas de contacto intergrupar, proximidade física e de distância social indicam que existe maior contacto, proximidade física e distância social com o exogrupo.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS

Ao proceder à análise de dados, começamos por avaliar o índice de cada escala. No sentido de verificar o grau de homogeneidade existente entre as respostas aos diversos itens, procedeu-se à análise da consistência interna. As escalas em geral apresentam uma consistência interna aceitável, sendo que a escala de contacto com o exogrupo apresenta a consistência interna mais fraca entre as variáveis e a escala de distância social a consistência interna mais forte (Quadro 1)

Quadro 1

Consistência interna das variáveis do estudo

Escalas	Alfa de Cronbach	Nº de itens da escala
Preconceito Explícito	,779	7
Reações Emotivas Negativas	,729	6
Contacto_ Endogrupo	,693	6
Contacto_ Exogrupo	,755	6
Proximidade_ Endogrupo	,853	6
Proximidade_ Exogrupo	,848	6
Distância Social	,946	7

Primeiro foram feitas análises para verificar se os resultados das variáveis de estudo diferenciam entre os grupos.

Através da ANOVA 2 (etnia: Brancos vs. Negros) X2 (Contacto: Endo vs Exo) primeiramente com *factor between groups* (variância entre grupos) e de seguida com o *within-subject* (variância dentro do grupo), verificamos que tanto o grupo dos brancos como o grupo dos negros têm uma preferência pelo contacto com o endogrupo em comparação com o exogrupo ($F(1,96) = 75.03, p < .001, \eta^2 = .44$; ver Quadro 2), a ANOVA não mostrou outros efeitos significativos. Relativamente a proximidade física, verificamos que a preferência pelo endogrupo mantém-se em ambos os grupos ($F(1,98) = 16.68, p < .001, \eta^2 = .15$; ver Quadro 3), e esta ANOVA também não revelou efeitos significativos.

Quadro 2

Índice de contacto intergrupai

	Categoria	Média	Desvio Padrão
Contacto Exogrupal	Branco	3,2549	,67770
	Negro	3,3582	,80756
	Total	3,3058	,74466
Contacto Endogrupal	Branco	4,1190	,58165
	Negro	3,9468	,59090
	Total	4,0120	,59807

Quadro 3

Índice de proximidade física

	Categoria	Média	Desvio Padrão
Proximidade Exogrupal	Branco	3,1961	,78224
	Negro	3,1884	,73272
	Total	3,1832	,74742
Proximidade Endogrupal	Branco	3,5523	,76121
	Negro	3,6456	,62493
	Total	3,5695	,69702

Em relação aos índices de preconceito (implícito e explícitos) verificou-se que os participantes negros apresentam médias superiores nas atitudes e as reações emotivas negativas em comparação com os participantes brancos ($F(2,101) = 11.60, p < .001, \eta^2 = .19$ e $F(2,101) = 4.57, p = .013, \eta^2 = .09$). Mas, a nível implícito, os participantes brancos tem um favoritismo pelo endogrupo significativamente maior do que os participantes negros ($F(2,101) = 21.57, p < .001, \eta^2 = .30$; ver Quadro 4).

Quadro 4

Índice de preconceito implícito e explícito e de emoções negativas

	Categoria	Média	Desvio Padrão
Preconceito Explícito Exogrupo	Branco	1,5014	,52010
	Negro	2,0556	,61786
	Total	1,7701	,63134
Emoções Negativas Exogrupo	Branco	2,0261	,52215
	Negro	2,3347	,51667
	Total	2,1758	,53959
IAT	Branco	4,0196	5,19804
	Negro	-2,4583	4,62628
	Total	,8788	5,88542

Quadro 5

Índice de distância social

	Categoria	Média	Desvio Padrão
Distância Social	Branco	1,2661	,66518
	Negro	1,5836	,84978

Os participantes negros mostraram igualmente um índice de distância social maior do que os brancos ($t(96) = 2.07$, $p = .041$; ver Quadro 5).

Uma vez que os participantes brancos e negros apresentam resultados padronizados nas variáveis de estudo, foi escolhido apresentar as correlações entre as mesmas. Podemos constatar que existe uma associação negativa e estatisticamente significativa entre o IAT e o preconceito explícito ($r = -.308$, $p = .001$) e entre o IAT e as emoções negativas ($r = -.344$, $p < .001$).

Adicionalmente os resultados demonstram que o preconceito explícito relaciona-se de forma positiva e significativa apenas com as emoções negativas ($r = ,498, p < .001$) e a proximidade física com o exogrupo ($r = -,286, p = ,003$).

As emoções negativas está associada negativamente à proximidade física com o exogrupo ($r = -,327, p = ,001$).

Os resultados demonstraram ainda que o contacto com o exogrupo relaciona-se positivamente com a proximidade com o exogrupo ($r = ,607, p < .001$).

O contacto com o endogrupo relacionado igualmente de forma positiva com a proximidade física com o endogrupo ($r = ,480, p < .001$) revelando assim uma diferença estatisticamente significativa. No entanto, a distância social não correlaciona-se com nenhuma variável.

CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os resultados revelam uma clara associação entre as variáveis negativas, o preconceito implícito, preconceito explícito, as emoções negativas e a distância social apresentam-se constantemente correlacionadas. Da mesma forma para as variáveis positivas, o contacto intergrupais e a proximidade física.

Averiguamos que a primeira hipótese foi confirmada, uma vez que existe uma relação negativa entre o contacto com o exogrupo e as escalas de preconceito explícito e de emoções negativas, no sentido que quanto maior for o contacto com o exogrupo menor é a tendência ao preconceito e conseqüentemente menor será as reações negativas face ao exogrupo.

Com base nos resultados, podemos confirmar a segunda hipótese que constatou que de facto quanto mais contacto manter-se com os membros do exogrupo maior será a proximidade física entre os grupos.

A terceira hipótese foi igualmente confirmada, uma vez a proximidade física e o preconceito estão negativamente correlacionadas.

As investigações de Durrheim e Dixon (2005) na sua análise sobre divisão racial entre brancos e negros constatou-se que quanto mais contacto os brancos tivessem com os negros e quanto mais cooperativo fosse o contacto, a probabilidade de classificar os negros como desleais e criminosos, e expressar falta de simpatia era menor, os mesmos resultados eram notório nos negros, no entanto, o contacto dos negros os brancos com um elevado estatuto social levava a consciência o legado contínuo de racismo, e tinham como consequência a falta de simpatia pelos brancos.

Relativamente a proximidade física com o exogrupo leva-nos questionar sobre a importância da quantidade e da qualidade de contacto para que o contacto seja de facto eficaz para a redução do preconceito. Binder *et al.*, (2009) valorizam ambos enquanto fatores benéficos para redução do preconceito ao longo do tempo, porém destaca a qualidade em deferimento da quantidade, justificando que esta parece desempenhar um papel mais proeminente do que a frequência do contacto, pois este nem sempre determina a sua eficácia. E estes resultados estão em conformidade com a investigação de Pettigrew (1997, citado por Turner *et al.*, 2007) que acrescentou uma quinta condição, oportunidade de amizade, nas quatro propostas por Allport (1954), a que considera ser particularmente efetiva na redução do preconceito. É pensado que as amizades intergrupais determinam em parte a importância percebida do contacto, e é

deste modo que a amizade intergrupar reduz fortemente o preconceito porquanto é considerado importante e íntimo em vez de trivial e transitório (Dovidio, Eller, & Hewstone, 2011).

O preconceito implícito analisado através da IAT revela uma correlação positiva com o contacto e a proximidade física. É importante referir que o grupo negros apresenta respostas que favorecem mais o exogrupo do que o endogrupo (respostas incongruentes) relativamente ao grupo brancos, no entanto o resultado inverte-se quanto a escala de preconceito explícito, sendo que o grupo brancos apresenta médias superiores quando comparado com o grupo negros.

Os resultados incongruentes do grupo negros pode dever-se ao facto de residirem num país de população maioritariamente branca tendo isto provocado uma certa inibição de atitudes preconceituosa, ou poderá ainda ter ocorrido o que Jost e Banaji (1994) designaram como justificação do sistema que assenta na tendência do ser humano de apoiar e defender o estatuto idílico. Segundo esta teoria, as pessoas manteriam atitudes favoráveis face a si próprios (justificação do ego), seu grupo (justificação do grupo) e sobre a ordem social (justificação do sistema). Em respostas algumas das questões pendentes relativamente ao favoritismo pelo exogrupo a TSJ argumenta que tanto os grupos de estatutos altos e baixos engajam pensamentos, sentimentos e atitudes que reforçam a existência de sistema social.

As suas objeções da justificação do sistema defendem que as atitudes que favorecem o exogrupo ocorrem somente quando os membros de grupos de baixo estatuto são "forçados" pela "realidade social" a aceitarem a legitimidade e estabilidade do estatuto idílico antes de adotarem estratégias de identidade social e que a justificação da ordem social existente deve-se a um fator ideológico que é observado com maior facilidade a nível implícito e inconsciente.

Mediante os resultados obtidos, é importante frisar a influência da presença do investigador na recolha de dados, sendo um possível fator de enviesamento de respostas.

Não obstante deste estudo ter sido limitado a um pequeno e específico caso, serve como mais um acréscimo às inúmeras investigações sobre o preconceito. Uma vez que este trabalho vem reforçar os seus resultados concernentes a relação entre o contacto, preconceito e a proximidade física.

Apesar de todo o caminho percorrido até aqui, existe ainda indícios que apontam para algumas lacunas que sugerem futuras investigações com desenho longitudinal e transversal de forma a clarificar os fatores causais dos resultados obtidos neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- Abrams, D., & Hogg, M. A. (1990). Social identification, self-categorization and social influence. *European Review of Social Psychology, 1*, 195-228.
- Adorno, T., Frenkel-Brunswick, E., Levinson, D., & Sanford, R. (1950). *The authoritarian personality*. New York: Harper.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison Wesley.
- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- Bar-Tal, D., & Teichman, Y. (2005). *Stereotypes and prejudice in conflict: Representations of arabs in israeli jewish society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Binder, J., Brown, R., Zagefka, H., Funke, F., Kessler, T., Mummendley, A., Maquil, A., Demoulin, S., & Leyens, J. (2009). Does contact reduce prejudice or does prejudice reduce contact? A longitudinal test of the contact hypothesis among majority and minority groups in three European countries. *Journal of Personality and Social Psychology, 96*, 843-856.
- Blumer, H. (1958). Recent research on race relations in the United States of America. *International Social Science Bulletin, 10*, 403-477.
- Bogardus, E. (1925). Measuring social distance. *Journal of Applied Sociology, 9*, 299-308.
- Brito, R., Walduz, S., Sekerdej, M., & Schubert, T. (2010). The context and structures of relating to others: How membership in different types of groups shape the construction of interpersonal relationships. *Journal of Social and Personal Relationships, 28* (3), 406-431.
- Brophy, I. N. (1946). The luxury of anti-Negro prejudice. *Public Opinion Quarterly, 9*, 456-466.
- Brown, R. (1995). *Prejudice: Its social psychology*. Malden: Blackwell.

- Brown, R., Vivian, J., & Hewstone, M. (1999). Changing attitudes through intergroup contact: The effects of group membership salience. *European Journal of Social Psychology, 29*, 741–764.
- Burgess, S., & Wilson, D. (2005). Ethnic segregation in England's schools. *Transactions of the British Geographers, 30* (1), 20-36.
- Clark, K. B. (1953). Desegregation: An appraisal of the evidence. *Journal of Social Issues, 9*, 2–77.
- Dixon, J., & Durrheim, K. (2003). Contact and the ecology of racial division: Some varieties of informal segregation. *British Journal of Social Psychology, 42*, 1-23.
- Dixon, J., & Durrheim, K. (2004). Desegregation and the transformation of place. *Journal of Environment Psychology, 24*, 455-473.
- Doise, W., Deschamps, J. C., & Meyer, G. (1978). The accentuation of intra-category similarities. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations* (pp. 159–168). London: Academic Press.
- Domingues, D. E. (2011). *Efeito do estereótipo e do valor social dos atributos na caracterização de membros de “cliques” e de “grupos de jovens”*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Dovidio, J. F. (2001). On the nature of contemporary prejudice: The third wave. *Journal of Social Issues, 57* (4), 829-849.
- Dovidio, J. F., Gaertner, S. L., & Kawakami, K. (2003). Intergroup contact: The past, present and the future. *Group Processes & Intergroup Relations, 6* (1), 5-21.
- Dovidio, J. F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. M. (2010). Prejudice, stereotyping and discriminations: Theoretical and empirical overview. In J. F. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick & V. M. Esses (Eds.), *The Sage handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (pp. 3-28), New York: Sage.
- Dovidio J. F., Eller, A., & Hewstone, M. (2011). Improving intergroup relations through direct, extended and other forms of indirect contact. *Group Processes & Intergroup Relations, 14* (2), 147-160.
- Durrheim, K., & Dixon, J. (2005). *Racial encounter: The social psychology of contact and desegregation*. London, New York: Routledge.
- Duckitt, J. (1992). Psychology and prejudice: A historical analysis and integrative framework. *American Psychological Association, 47* (10), 1182-1193.

- Duckitt, J. (2010). Historical overview. In J. F. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick & V. M. Esses (Eds.), *The Sage handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (pp. 29-44), New York: Sage.
- Eagly, A. H., & Diekmann, A. B. (2015). What is the problem? Prejudice as an attitude-in-context. In J. F. Dovidio, P. Glick, & L. A. Rudman (Eds.), *The nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 19-35). Malden: Blackwell.
- Frankenberg, E. (2013). The role of residential segregation in contemporary school segregation. *Education and Urban Society*, 45 (5), 548-570.
- Fiske, S. (2000). Stereotyping, prejudice, and discrimination at the seam between the centuries: Evolution, culture, mind, and brain. *European Journal of Social Psychology*, 30, 299-322.
- Gamst, G. C., Liang, C. T., Der-Karabetian, A. (2011). Handbook of multicultural measures. ?? : Sage.
- Goldsmith, P. R. (2010). Learning apart, living apart: How the racial and ethnic segregation of schools and colleges perpetuates residential segregation. *Teachers College Record*, 112 (6), 1602-1630.
- Greenwald, A.G., McGhee, D.E., and Schwartz, J. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464-1480.
- Hogg, M., A., Abrams, D. (1998). *Social identifications: A social psychology of intergroup relations and group processes*. London: Routledge.
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (2003). Intergroup behavior and social identity. In M. A. Hogg, & J. Cooper (Eds.), *The Sage Handbook of Social psychology: Concise student edition* (pp. 335- 360). London: Sage Publications.
- Hogg, M. A., Turner, J. C., Nascimento-Schulze, C. (1986). Social categorization, intergroup behavior and self-esteem: Two experiments. *Revista de Psicologia Social*, 1, 23-38.
- Jost, J. T., & Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33, 1-27.

- Jost, J. T., Banaji, M. R., & Nosek, B. A. (2004). A decade of system justification theory: Accumulated evidence of conscious and un conscious bolstering of the status quo. *Political Psychology*, 25 (6), 881-919.
- Kephart, W. M. (1957). *Racial factors and urban law enforcement*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas expressões do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 401-411.
- Manstead, A. S. R., & Hewstone, M. (Eds.). (1995). *The Blackwell encyclopedia of social psychology*. Oxford: Blackwell.
- Monteiro, M. B. (2000). Conflito e negociação entre grupos. Em J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia social* (pp. 411-456). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Monteiro, M., B. (2013). Relações intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Coords.), *Psicologia social* (9ª Ed, pp. 493-568), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moreland, R. L. (1987). The formation of small groups. In C. Hendrick (Ed), *Group processes: Review of personality and social psychology* (Vol. 8, pp. 80-110). Newbury Park, CA: Sage Publications Inc.
- Mutz, D. C., & Goldman, S. K. (2010). Mass media. In J. F. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick, & V. M. Esses (Eds.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 241–258). London: Sage.
- Nosek, B. A., Smyth, F. L., Hansen, J. J., Devos, T., Lindner, N. M., Ranganath, K. A., Smith, C. T., Olson, K. R., Chugh, D., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2007). Pervasiveness and correlates of implicit attitudes and stereotypes. *European Review of Social Psychology*, 1-53.
- Oliveira, E. H. (2014, Abril 25) Reflexões sobre a origem dos preconceitos e porque misandria, racismo reverse, heterofobia, cristofobia e cisfobia não existem como preconceitos institucionalizados. Consultado em Janeiro 3, 2017 em: <http://www.bulevoador.com.br/2014/04/reflexoes-sobre-origem-dos-preconceitos-e-porque-misandria-racismo-reverso-heterofobia-cristofobia-e-cisfobia-nao-sao-preconceitos-institucionalizados/>

- Oskamp, S. (2000). Multiple paths to reducing prejudice and discrimination. In S. Oskamp (Ed.), *Reducing prejudice and discrimination* (pp. 1–19). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Pereira, A., Monteiro, M. B., Camino, L. (2009). Estudo da validação das escalas de crenças sobre a natureza da homossexualidade e de preconceito contra homossexuais. *Laboratório de Psicologia* 7 (1), 21-32.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. P. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: Análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 95-107.
- Pettigrew, T. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review Psychology*, 49, 65-85.
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90 (5), 751–783.
- Pettigrew, T. F., Christ, O., Wagner, U., & Stellmacher, J. (2007). Direct and indirect intergroup contact effects on prejudice: A normative interpretation. *International Journal of Intercultural Relations*, 3, 411- 425.
- Pettigrew, T.F., Tropp, L. R., Wagner, U., & Christ, O. (2011). Recent advances in intergroup contact theory. *International Journal of Intercultural Relations*, 35, 271-280.
- Priest, N., Paradies, Y., Ferdinand, A., Rouhani, L., & Kelaher, M. (2014). Patterns of intergroup contact in public spaces: Micro-ecology of segregation in Australian communities. *Societies*, 4, 30-44.
- Ramasubramanian, S. (2013). Intergroup contact, media exposure, and racial Attitudes. *Journal of Intercultural Communication Research*, 42 (1), 54-72.
- Rutland, A., Cameron, L., Bennett, L., & Ferrell, J. (2005). Interracial contact and racial constancy: A multi-site study of racial intergroup bias in 3-5 years old anglo-british children. *Applied Developmental Psychology*, 26, 699-713.
- Schiappa, E., Gregg, P. B., & Hewes, D. E. (2005). The parasocial contact hypothesis. *Communication Monographs*, 72, 92–115.
- Sherif, M., Harvey, O. J., White, B. J., Hood, W. R., & Sherif, C. W. (1961). *Intergroup conflict and cooperation: The robbers cave experiment*. Norman: University of Oklahoma Press.

- Sousa, J. E. X. (2006). Os imigrantes ucranianos em Portugal e os cuidados de saúde. Lisboa: ACIME.
- Stephan, W. G. (1987). The contact hypothesis in intergroup relations. In C. Hendrick (Ed.), *Review of personality and social psychology: Group processes and intergroup relations* (Vol. 9, pp. 13–40). Newbury Park, CA: Sage
- Tajfel, H., & Wilkes A. L. (1963). Classification and quantitative judgment. *British Journal of Psychology*, 54 (2), 101–114.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25 (4), 79-97.
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. Londres: Academic Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Tajfel, H. (1982). Grupos humanos e categorias sociais. (Vol. 1). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1982). Introduction. In H. Tajfel (Ed.), *Social identity and intergroup relations* (pp. 1–11). Cambridge: Cambridge University Press.
- Tajfel, H., Turner, J. C. (1986). The social identity theory of inter-group behavior. In S. Worchel & L. W. Austin (Eds.), *Psychology of Intergroup Relations*. Chicago: Nelson-Hall.
- Taylor, D. M., & Moghaddam, F. M. (1994). Theories of intergroup relations: International social psychology perspectives (2nd Ed.). Westport: Greenwood.
- Tropp, L. R., Wright, S. C. (2001). Ingroup identification as the inclusion of ingroup in the self. *Society for Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 585-600.
- Turner, J. C., & Reynolds, K. H. (2003). The Social Identity Perspective in Intergroup Relations: Theories, themes, and controversies. In R. Brown & S. Gaertner (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: intergroup processes* (pp. 133–152). Malden, MA: Blackwell.

- Turner, R. N., Hewstone, M., Voci, A., Paolini, S., & Christ, O. (2007). Reducing prejudice via direct and extended cross-group friendship. *European Review of Social Psychology, 18*, 212-255.
- Vargas, P.T., Sekaquaptewa, D., and von Hippel, W. (2007). Armed only with paper and pencil: “Low-tech” measures of implicit attitudes. In B. Wittenbrink and N. Schwarz (Eds.), *Implicit measures of attitudes* (pp. 103-124). New York: Guilford Press.
- Veríssimo, L. L. (2001). *Papel desviante no sistema normativo do grupo*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Wright, S. C., Aron, A., McLaughlin-Volpe, T., & Ropp, S. A. (1997). The extended contact effect: Knowledge of cross-group friendships and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 73–90.
- Wright, S. C., & Taylor, D. M. (2003). The social psychology of cultural diversity: social stereotyping, prejudice and discrimination. In M. A. Hogg, & J. Cooper (Eds.), *The Sage Handbook of Social psychology: Concise student edition* (pp. 361-387). London: Sage Publications.
- Zuma, B. (2010). The social psychology of (de) segregation: Rigorously studied and poorly conceptualised. *Psychology & Society, 3 (1)*, 92-106.

APÊNDICES

Apêndice I

Consentimento Informado

EPCV-ULHT / Copelabs – Universidade Lusófona

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações

INVESTIGADORES: Mauro Bianchi e Helena Pascoal

INFORMAÇÃO: No âmbito da tese do Mestrado em Psicologia Social e das Organizações da Escola de Psicologia e das Ciências da Vida da Universidade Lusófona, convidamo-lo a participar numa pesquisa científica. Pelo que, aconselhamos que leia as seguintes informações, antes de decidir participar neste estudo.

OBJECTIVO DO ESTUDO: Este estudo tem como objetivo explorar a forma como diferentes grupos sociais se relacionam, de modo a perceber o funcionamento dessas relações.

CONDIÇÕES DE ESTUDO: A sua participação consiste no preenchimento de um questionário que demora cerca de 10 minutos. A participação neste estudo não acarreta quaisquer custos ou consequências psicológicas, nem irá receber quaisquer benefícios monetários ou outros que não sejam o poder contribuir para o conhecimento científico sobre as relações intergrupais. As perguntas do questionário avaliam a sua opinião; em todos os casos, não existem respostas certas nem erradas, pelo que pedimos a sua sinceridade ao responder o questionário.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Este estudo terá dois pontos de recolha, num prazo de cerca de 30 dias. A sua contribuição é única e fundamental para a realização deste estudo tanto no primeiro, como no segundo ponto de recolha de dados.

VOLUNTARIADO: A sua participação é voluntária, podendo retirar-se do estudo a qualquer momento, sempre que assim o entender.

CONFIDENCIALIDADE, PRIVACIDADE E ANONIMATO: Os seus dados são confidenciais e anónimos; as informações recolhidas para esta investigação não permitem a identificação individual e são analisadas estatisticamente como um todo, e a sua eventual publicação e apresentação só poderá ter lugar em Revistas da especialidade ou em conferências científicas. Para garantir o seu anonimato no segundo ponto de recolha de dados, para que se mantenha o anonimato e confidencialidade será criado um código único e exclusivo que não permitirá a identificação dos participantes.

Para mais informação sobre o estudo, poderão entrar em contacto com Mauro Bianchi e/ou Helena Pascoal, através dos seguintes *e-mail*: mauro.bianchi@ulusofona.pt / helena.nelma@gmail.com a quem poderá colocar qualquer questão, bem como aspetos associados à participação na investigação.

Concorda em participar no estudo?

Se concordar em participar no estudo, por favor, assine abaixo.

Depois de devidamente informado(a) autorizo a participação neste estudo.

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ /2017

Apêndice II

Teste de Associação Implícita – papel e caneta (Vargas, Sekaquaptewa, & von Hippel, 2007)

Nesta primeira tarefa, estamos interessados em saber como as pessoas organizam mentalmente os conceitos. Nesta tarefa, pedimos que escolha uma das opções em cada coluna **marcando um X** o mais rapidamente possível. Os estímulos apresentados são palavras associadas a conceitos positivos e negativos, e alguns nomes que são frequentemente associados a pessoas brancas e a pessoas negras segundo o jornal Público (2017).

Por exemplo, para cada nome próprio de um individuo branco (Matilde, Beatriz, Inês, Leonor, Manuel, Gonçalo, Afonso, Martim) é necessário assinalar com **X** na coluna "brancos". E para cada nome próprio de um individuo negro (Kiluanje, Malik, Vemba, Kizua, Muanda, Késia, Tchissola, Lueji) assinale com um **X** abaixo da coluna "negros", e assim sucessivamente para todas as palavras que se referem a conceitos positivos (Amor, Saúde, Liberdade, Paz, Felicidade) e negativos (Feio, Veneno, Mal, Nojo, Desastre).

É necessário que preencha a lista o mais rápido possível.

Caso cometa algum erro, não volte a alterar a sua resposta, simplesmente continua a preencher a lista.

Lembre-se que o seu desempenho é cronometrado, vinte segundos para cada página.

Algumas colunas poderão ser mais difíceis do que outras, e possivelmente o seu desempenho tornar-se-á mais lento, mas isso é normal, por isso não desanime 😊

Há alguma pergunta?

Exemplo

Negros Negativo		Branços Positivo
⊗	Kizua	O
⊗	Mal	O
O	Leonor	⊗
O	Liberdade	⊗

Helena Pascoal – Comportamento e Relações intergrupais: A Relação Entre Contacto e o Preconceito Numa Amostra de Estudantes Universitários

Negros		Branços		Negros		Branços	
Negativo		Positivo		Negativo		Positivo	
O	Kizua	O		O	Lueji	O	
O	Mal	O		O	Amor	O	
O	Leonor	O		O	Kiluanje	O	
O	Liberdade	O		O	Nojo	O	
O	Matilde	O		O	Tchissola	O	
O	Veneno	O		O	Liberdade	O	
O	Késia	O		O	Matilde	O	
O	Desastre	O		O	Paz	O	
O	Manuel	O		O	Muanda	O	
O	Feio	O		O	Felicidade	O	
O	Inês	O		O	Manuel	O	
O	Mal	O		O	Amor	O	
O	Vemba	O		O	Inês	O	
O	Liberdade	O		O	Desastre	O	
O	Gonçalo	O		O	Martim	O	
O	Nojo	O		O	Feio	O	
O	Kiluanje	O		O	Afonso	O	
O	Amor	O		O	Amor	O	
O	Lueji	O		O	Vemba	O	
O	Saúde	O		O	Desastre	O	
O	Késia	O		O	Manuel	O	
O	Veneno	O		O	Amor	O	
O	Malik	O		O	Inês	O	
O	Saúde	O		O	Veneno	O	
O	Martim	O		O	Lueji	O	
O	Mal	O		O	Nojo	O	
O	Afonso	O		O	Tchissola	O	
O	Amor	O		O	Mal	O	
O	Martim	O		O	Muanda	O	
O	Felicidade	O		O	Mal	O	
O	Beatriz	O		O	Késia	O	
O	Amor	O		O	Felicidade	O	

Helena Pascoal – Comportamento e Relações intergrupais: A Relação Entre Contacto e o Preconceito Numa Amostra de Estudantes Universitários

Negros			Branços			
Positivo		Negativo		Positivo	Negativo	
O	Lueji	O		O	Kizua	O
O	Amor	O		O	Mal	O
O	Kiluanje	O		O	Leonor	O
O	Nojo	O		O	Liberdade	O
O	Tchissola	O		O	Matilde	O
O	Liberdade	O		O	Veneno	O
O	Matilde	O		O	Késia	O
O	Paz	O		O	Desastre	O
O	Muanda	O		O	Manuel	O
O	Felicidade	O		O	Feio	O
O	Manuel	O		O	Inês	O
O	Amor	O		O	Mal	O
O	Inês	O		O	Vemba	O
O	Desastre	O		O	Liberdade	O
O	Martim	O		O	Gonçalo	O
O	Feio	O		O	Nojo	O
O	Afonso	O		O	Kiluanje	O
O	Amor	O		O	Amor	O
O	Vemba	O		O	Lueji	O
O	Desastre	O		O	Saúde	O
O	Manuel	O		O	Késia	O
O	Amor	O		O	Veneno	O
O	Inês	O		O	Malik	O
O	Veneno	O		O	Saúde	O
O	Lueji	O		O	Martim	O
O	Nojo	O		O	Mal	O
O	Tchissola	O		O	Afonso	O
O	Mal	O		O	Amor	O
O	Muanda	O		O	Martim	O
O	Mal	O		O	Felicidade	O
O	Késia	O		O	Beatriz	O
O	Felicidade	O		O	Amor	O

Apêndice III

Escala de preconceito explícito (Brown, 1995)

Por favor leia atentamente cada uma das afirmações abaixo e indique-nos o seu grau de concordância com cada uma delas. Responda colocando uma cruz “X” na opção que melhor corresponde a cada situação. As possibilidades de resposta são as seguintes:

1	2	3	4	5		
Concordo Totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Totalmente		
1	Não me incomodaria se a maioria dos meus colegas fossem negros.	1	2	3	4	5
2	Às vezes penso que a minha sala de aula seria melhor se houvesse menos negros.	1	2	3	4	5
3	Eu não tenho nenhum problema com os colegas negros.	1	2	3	4	5
4	Preferia que a maioria dos meus colegas fossem brancos.	1	2	3	4	5
5	Preferia ter como professor uma pessoa branca.	1	2	3	4	5
6	Sentir-me-ia desconfortável ao sentar ao lado de pessoas negras.	1	2	3	4	5
7	Tenho muitos problemas com os colegas negros devido à sua maneira de ser.	1	2	3	4	5

Apêndice IV

Escala de reações emotivas (Binder et al., 1995)

Esta escala consiste num conjunto de diferentes sentimentos **face a pessoas NEGRAS**, por favor leia atentamente e indique-nos em que medida sentiu cada uma das emoções. Responda, por favor, colocando uma cruz “X” na opção que melhor corresponde a de cada afirmação.

	1	2	3	4	5			
	Muito Pouco	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente			
1	Admiro-os			1	2	3	4	5
2	Confio neles			1	2	3	4	5
3	Gosto deles			1	2	3	4	5
4	Sinto raiva deles			1	2	3	4	5
5	Sinto-me irritado(a) com eles			1	2	3	4	5
6	Aborreço-me com eles			1	2	3	4	5

Apêndice V

Escala de contacto intergrupai (Brown, 1999)

As seguintes questões focam alguns aspetos sobre os seus relacionamentos com **as pessoas dentro da universidade**, por favor leia atentamente cada uma das questões e indique-nos colocando uma cruz “X” na opção que melhor corresponde à sua resposta.

1. Quantas pessoas negras tem no seu curso?

Nenhuma 1 - 3 4 - 6 7 - 9 10 ou mais

2. Com que frequência passa o tempo com eles?

Nunca Raramente Ocasionalmente Frequentemente Sempre

3. Do seu círculo de amizade dentro da universidade, quantos são negras?

Nenhum 1 - 3 4 - 6 7 - 9 10 ou mais

4. Com que frequência passa o tempo com eles?

Nunca Raramente Ocasionalmente Frequentemente Sempre

5. Em geral, quantos amigos negros tens?

Nenhum 1 - 3 4 - 6 7 - 9 10 ou mais

6. Com que frequência passa tempo com eles?

Nunca Raramente Ocasionalmente Frequentemente Sempre

7. Quantas pessoas brancas tem no seu curso?

Nenhuma 1 - 3 4 - 6 7 - 9 10 ou mais

8. Com que frequência passa o tempo com eles?

Nunca Raramente Ocasionalmente Frequentemente Sempre

9. Do seu círculo de amizade dentro da universidade, quantos são brancos?

Nenhum 1 - 3 4 - 6 7 - 9 10 ou mais

10. Com que frequência passa o tempo com eles?

Nunca Raramente Ocasionalmente Frequentemente Sempre

11. Em geral, quantos amigos brancos tem?

Nenhum 1 - 3 4 - 6 7 - 9 10 ou mais

12. Com que frequência passa tempo com eles?

Nunca Raramente Ocasionalmente Frequentemente Sempre

Apêndice VI

Escala de proximidade física

Leia atentamente as afirmações abaixo e indique-nos até que ponto concorda com cada uma delas. Responda colocando uma cruz “X” na opção que melhor corresponde à frequência de cada situação. As possibilidades de resposta são as seguintes:

1	2	3	4	5			
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequente mente	Sempre			
1	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa negra na sala de aula?		1	2	3	4	5
2	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa negra nas salas de estudos (biblioteca)?		1	2	3	4	5
3	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa negra nos bares escolares/ refeitórios?		1	2	3	4	5
4	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa negra nos serviços académicos?		1	2	3	4	5
5	Com que frequência estuda em grupo com pessoas negras?		1	2	3	4	5
6	Com que frequência trabalha em grupo com pessoas negras?		1	2	3	4	5
7	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa branca na sala de aula?		1	2	3	4	5
8	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa branca nas salas de estudos (biblioteca)?		1	2	3	4	5
9	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa branca nos bares escolares/ refeitórios?		1	2	3	4	5
10	Com que frequência senta-se ao lado de uma pessoa branca nos serviços académicos?		1	2	3	4	5
11	Com que frequência estuda em grupo com pessoas brancas?		1	2	3	4	5
12	Com que frequência trabalha em grupo com pessoas brancas?		1	2	3	4	5

Apêndice VII

Escala de distância social (Bogardus, 1925)

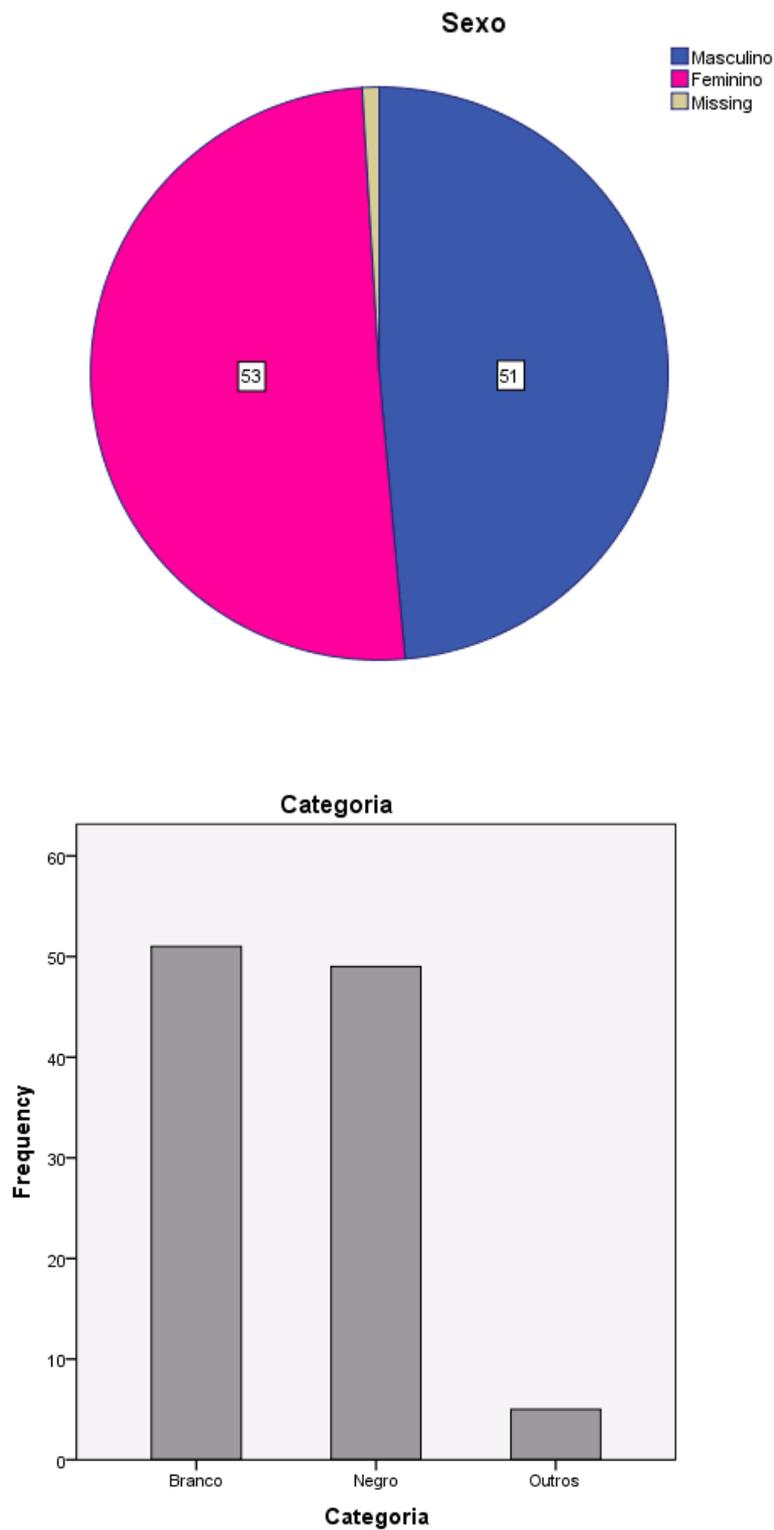
As seguintes afirmações focam alguns aspetos sobre os seus relacionamentos com **pessoas NEGRAS**, por favor leia atentamente cada uma das questões e indique-nos o grau de concordância com cada uma delas colocando uma cruz “X” no número que melhor corresponde à sua reação.

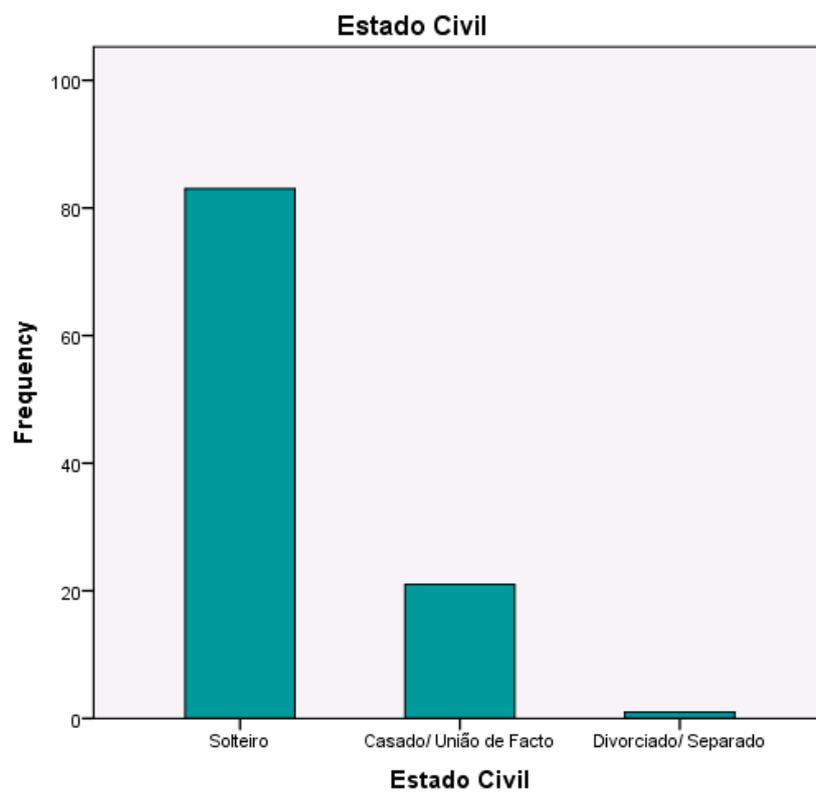
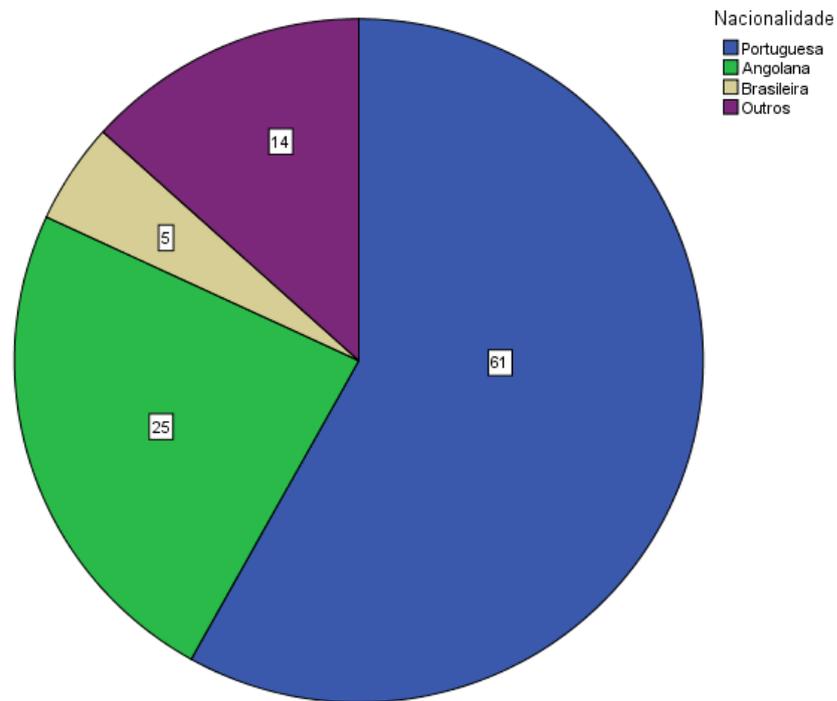
1		2		3		4			5	
Concordo Totalmente		Concordo		Não concordo nem discordo		Discordo			Discordo Totalmente	
1	Aceitaria que casasse com alguém da minha família.	1	2	3	4	5				
2	Aceitá-lo-ia como amigo próximo.	1	2	3	4	5				
3	Aceitá-lo-ia na minha rua como vizinho.	1	2	3	4	5				
4	Aceitá-lo-ia como colega de trabalho.	1	2	3	4	5				
5	Aceitá-lo-ia como cidadão no meu país.	1	2	3	4	5				
6	Aceitá-lo-ia como turista no meu país.	1	2	3	4	5				
7	Expulsá-lo-ia no meu país.	1	2	3	4	5				

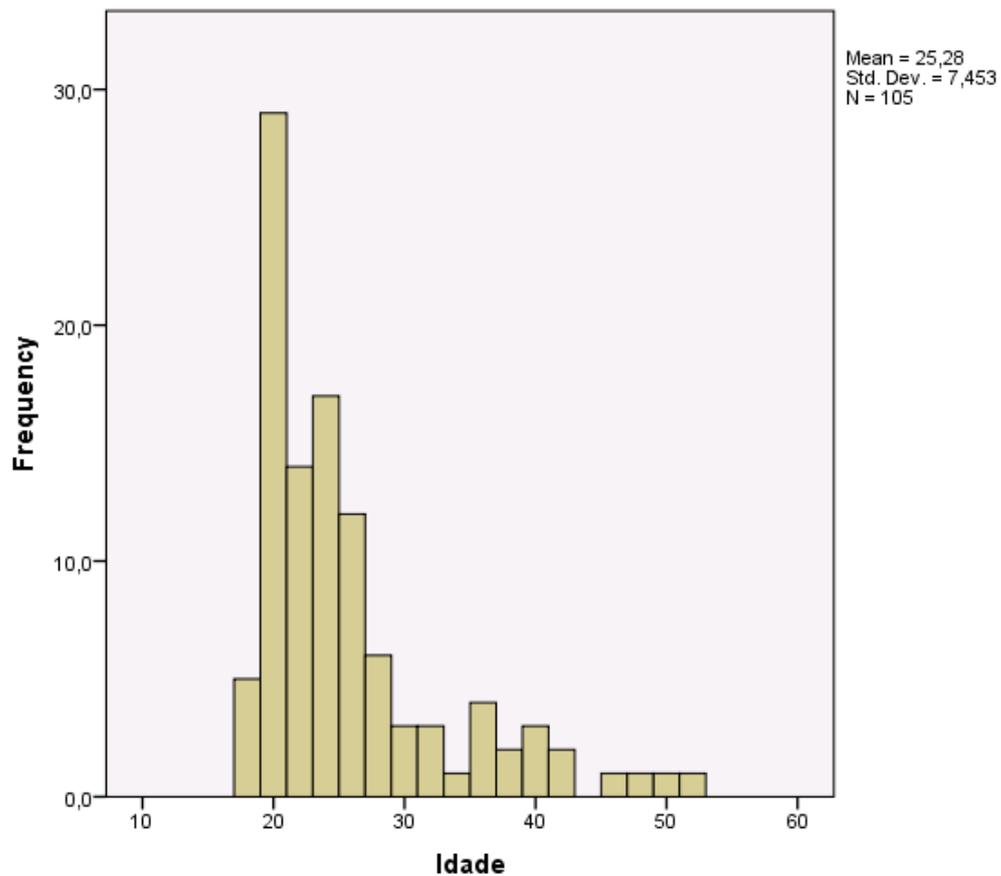
ANEXO

Anexo I

Dados demográficos da amostra







Quanto tempo vive em Portugal?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 ano	15	14,3	14,4	14,4
	2-5 anos	21	20,0	20,2	34,6
	5-10 anos	6	5,7	5,8	40,4
	Mais de 10 anos	4	3,8	3,8	44,2
	N/A	58	55,2	55,8	100,0
	Total	104	99,0	100,0	
Missing	999	1	1,0		
	Total	105	100,0		

Há tempo estuda na mesma turma?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Ano	65	61,9	62,5	62,5
	2 Anos	16	15,2	15,4	77,9
	3 Anos	14	13,3	13,5	91,3
	4 Anos	7	6,7	6,7	98,1
	5 Anos ou mais	2	1,9	1,9	100,0
	Total	104	99,0	100,0	
Missing	999	1	1,0		
Total		105	100,0		

Há tempo estuda na sua universidade?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Ano	53	50,5	50,5	50,5
	2 Anos	18	17,1	17,1	67,6
	3 Anos	14	13,3	13,3	81,0
	4 Anos	10	9,5	9,5	90,5
	5 Anos ou mais	10	9,5	9,5	100,0
	Total	105	100,0	100,0	